

A utopia na obra de H. P. Lovecraft: uma leitura política de *Nas montanhas da loucura*

Daniel Iturvides Dutra

Submetido em 18 de outubro de 2012.

Aceito para publicação em 16 de janeiro de 2013.

Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 45, dezembro de 2012. p. 87-108.

POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

- (a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.
 - (b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.
 - (c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.
 - (d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.
-

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>
Quarta-feira, 27 de março de 2013
23:59:59

A UTOPIA NA OBRA DE H.P. LOVECRAFT: UMA LEITURA POLÍTICA DE NAS MONTANHAS DA LOUCURA

Daniel Iturvides Dutra*

RESUMO: O presente artigo visa a analisar a novela de horror *Nas Montanhas da Loucura* (1936), de H.P. Lovecraft, sob uma perspectiva sociopolítica. Para tanto realizamos uma leitura comparativa com os ensaios políticos do autor sobre a Grande Depressão dos anos 30 – mais especificamente os textos “Some Repetitions on the Times” (1933), “A Layman Looks at the Government” (1933) e “The Journal and the New Deal” (1934). Argumentamos que há indícios claros de que as transformações socioeconômicas provocadas pela Grande Depressão influenciaram o processo criativo de H.P. Lovecraft, levando-o a abordar temas até então nunca discutidos tanto em seus ensaios quanto em sua obra ficcional.

PALAVRAS-CHAVE: horror; Lovecraft; utopia.

1. INTRODUÇÃO

Nas Montanhas da Loucura (1936) é considerado um marco na literatura de horror do século XX e um dos textos mais importantes do escritor H.P. Lovecraft. Contudo, não é o propósito deste trabalho observar os méritos artísticos e inovações que o texto trouxe a esse gênero e, sim, analisar como as transformações sociais da época influenciaram a visão de seu autor no que diz respeito a temas políticos e econômicos e como essas questões foram incorporadas em sua ficção – tendo em mente que estamos tratando da análise de um texto específico e que não é o objetivo estender as conclusões deste artigo para o conjunto da obra do autor.

A relação entre a obra de H.P. Lovecraft e a história já fora abordada por outros estudiosos sob diversas perspectivas. Caio Alexandre Bezarias (2010, p. 21) argumenta, utilizando-se da Escola de Frankfurt como embasamento teórico, que o conjunto da obra ficcional de Lovecraft é uma reação à modernidade. Na leitura de Bezarias os monstros nas histórias do autor – que ficaram conhecidos pela alcunha de “Mitos Cthulhu” – seriam uma espécie de alegoria política e inconsciente por parte do escritor. Segundo Bezarias (2010, p. 21), a obra de Lovecraft

[...] não é apenas representação de conflitos e tensões que convulsionavam o momento histórico por ele [Lovecraft] vivido, mas é também imagem da profunda incompreensão e recusa do autor para com uma ordem espacial-econômico-social já à solta e estabelecida em seu tempo.

* Mestre em Literatura Comparada (UFRGS) e doutorando em Literatura Comparada (UFRGS). E-mail: DanielDutra316@gmail.com

Em outras palavras, o horror na obra de Lovecraft seria uma representação das transformações sociais causadas pelo desenvolvimento industrial e a crescente imigração nos Estados Unidos da década de 1920, que ameaçavam a hegemonia da cultura anglo-saxã protestante rural da qual o autor fazia parte. No entanto, o foco de Bezarias é a obra do escritor como um todo. Nisso está a razão pela qual o teórico, apesar de discutir algumas obras escritas após 1929, não trata do efeito específico da Grande Depressão na escrita de Lovecraft.

James Arthur Anderson (2011, p. 33), por sua vez, realiza uma leitura estruturalista ao analisar diversos contos do escritor, e conclui que o horror seria uma metáfora ao sentimento de incertezas e insignificância que descobertas científicas ocorridas entre o final do século XIX e século XX – como a Teoria da Relatividade, de Albert Einstein, e A Teoria da Evolução, de Charles Darwin – provocaram no ser humano moderno. A análise de Anderson do conto “Facts Concerning the Late Arthur Jermyn and His Family” (1921)¹, de H.P. Lovecraft, serve como um bom exemplo da interpretação feita pelo teórico estruturalista:

Arthur Jermyn, um antropólogo, personifica tanto o cientista como o historiador em sua busca pela verdade, o que o leva a uma descoberta sobre seus antepassados. Na verdade, Jermyn é uma metáfora óbvia para as teorias de Darwin, uma vez que ele descobre que é descendente de um macaco. Tal conhecimento pode não ser sempre saudável para a mente humana e Jermyn tem um final trágico. As teorias de Darwin, Einstein e outros tiveram um efeito poderoso sobre a raça humana em geral, na medida em que o conhecimento científico tem aumentado, o papel do homem no universo diminui em proporção inversa.²

No entanto, as análises de Bezarias e Anderson, apesar de suas tentativas de estabelecer uma relação entre a literatura de Lovecraft e a história através de metodologias diferentes, tratam do conjunto da obra do autor. Embora ambos discutam alguns textos específicos, seus trabalhos visam a dar uma visão geral do *corpus* literário do escritor. E tanto Anderson quanto Bezarias, mesmo que este último cite *Nas Montanhas da Loucura*, de passagem, em seu estudo, não analisam essa novela de forma pormenorizada.

Por outro lado, David Haden (2011, p. 15), em seus ensaios sobre *Nas Montanhas da Loucura*, faz uma abordagem específica da novela, apontando para uma série de eventos históricos – entre eles a Grande Depressão – que influenciaram o processo criativo do escritor³. Haden observa que a Grande Depressão levou o autor a ter um maior interesse por temas políticos, em específico pela questão do socialismo:

¹ Nesse conto, o protagonista Arthur Jermyn descobre que ele é o descendente de uma espécie de macaco semi-humano desconhecido pela ciência que vive na África. Tal descoberta o leva a se suicidar.

² “Arthur Jermyn, an anthropologist, personified both historian and scientist as his search for truth leads him to a discovery about his ancestors. Indeed, Jermyn represents an obvious metaphor for Darwin’s theories as he discovers that he is descended from an ape. Such knowledge may not always healthy for the human mind and Jermyn destroys himself. The theories of Darwin, Einstein and others have had a powerful effect upon the human race at large; as scientific knowledge has increased, man’s perceived importance in the universe has decreased in inverse proportion.” (tradução minha).

³ Haden cita, entre outros eventos históricos que serviram de inspiração para a escrita de *Nas Montanhas da Loucura*, a expedição de Richard Byrd à Antártida. Amplamente noticiada nos meios de comunicação da época, a expedição fora a mais ousada e de longa duração realizada até então.

Por volta de 1930, Lovecraft começou a explorar a fundo as ideologias políticas contemporâneas, tendo em grande parte adquirido suas opiniões políticas anteriores por meio de seus familiares e dos escritores que ele admirava na juventude. A década de 1930 caracterizou-se por uma guerra civil dentro do socialismo, com os socialistas de esquerda e de direita lutando nas ruas e nos campos de batalha intelectuais do mundo inteiro. Muito foi escrito sobre a "virada para o socialismo" de Lovecraft que aparentemente ocorreu no início dos anos 1930. Mas este "socialismo" do autor era claramente uma variante autoritária e elitista. Lovecraft chegou a se referir várias vezes ao seu socialismo como "socialismo fascista", expressão cunhada pelo autor.⁴

A visão de Haden é compartilhada por S.T. Joshi (2001, p. 346), o maior especialista em H.P. Lovecraft na atualidade.

Havia poucas razões nas circunstâncias pessoais de Lovecraft que o levaram à adoção de um socialismo moderado; seu caso não foi – ao contrário do que ocorreu com muitas pessoas pobres – uma questão de ser atraído para o radicalismo político ou econômico simplesmente porque ele se viu desamparado. [...]

E, no entanto, a conversão de Lovecraft para o socialismo não chega a ser surpreendente. Primeiro porque o socialismo tanto como uma teoria política e quanto uma alternativa concreta para o capitalismo estava ressurgindo durante os anos 1930, e segundo porque a concepção que Lovecraft tinha do socialismo mantinha muitas das características aristocráticas de seu pensamento político anterior.⁵

A influência do socialismo, tanto nos textos ficcionais de Lovecraft quanto em seus ensaios, será discutida adiante. Antes disso, é necessário fazer uma breve retrospectiva da Grande Depressão.

Quando H.P. Lovecraft escreveu *Nas Montanhas da Loucura* (escrita em 1931 e publicada em 1936), fazia apenas dois anos que ocorrera a queda da Bolsa de Valores de Nova Iorque em outubro de 1929. O evento lançou a sociedade americana em uma crise econômica sem precedentes que perdurou por toda a década de 1930, só vindo a terminar por volta de 1947. Os anos anteriores à crise ficaram conhecidos por

⁴ “From around 1930 it seems Lovecraft began seriously exploring contemporary political beliefs, having previously largely inherited them from relatives and from writers he admired when young. The 1930s saw a decade of vicious civil war within socialism, as left-wing and right-wing socialists fought on the streets and in the various intellectual battlegrounds around the world. Much has been made of Lovecraft’s apparent ‘turn to socialism’ in the early 1930s. But this ‘socialism’ was clearly the authoritarian and elitist variant. He even went so far as to refer several times to his own personal brand of ‘fascistic socialism’.” (tradução minha).

⁵ “There was little in Lovecraft’s *personal* circumstances that led him to the adoption of a moderate socialism; he did not—as many impoverished individuals did—become attracted to political or economic radicalism merely because he found himself destitute. [...] And yet, Lovecraft’s conversion to socialism was not entirely surprising, first because socialism as a political theory and as a concrete alternative to capitalism was experiencing a resurgence during the 1930s, and second because Lovecraft’s brand of socialism still retained many of the aristocratic features that had shaped his earlier political thought.” (tradução minha).

expressões como “os anos loucos” e “a era do consumo em massa” e foram uma época de grande prosperidade na história dos Estados Unidos.

A era do consumo de massa, estimulada por um dramático aumento na renda nacional, foi também a era do lazer. Americanos trabalhavam menos, ganhavam mais, e se divertiam com mais frequência do que em qualquer outro momento da sua história. [...] A produção crescia muito mais rapidamente do que a população. Em 1900, o produto nacional bruto por pessoa foi de US \$ 800; em 1930 chegou a US \$ 1100. Os anos 1920, uma década de progresso econômico acentuado, vivenciaram 60 por cento desse avanço. A evolução da tecnologia e sua ampla difusão, através da produção em massa, contribuíram em parte para o alto desempenho da economia.⁶ (GOODMAN; GATELL, 1972, p. 1-8)

Porém, a queda da Bolsa de Valores de Nova Iorque alterou drasticamente o cenário:

75 por cento do valor de papel de títulos desapareceram. Em 1929, 659 bancos faliram, eliminando \$ 250 milhões em depósitos, dois anos mais tarde, outros 2.294 bancos e 1,7 bilhões de dólares tiveram um destino semelhante. A produção industrial em 1932 caiu 50 por cento em 1929 e a taxa de desemprego cresceu de quatro milhões em outubro de 1930 para sete milhões no ano seguinte, e para 11 milhões no outono de 1932.⁷ (ibidem, p. 200).

A falência dos bancos e a onda de desemprego em massa que se seguiu colocaram milhões de pessoas em uma situação desesperadora. Muitos perderam suas casas, seus empregos e quaisquer outros bens que possuíam. A fome tornara-se cada vez mais comum, levando muitos trabalhadores a aceitar trabalhar por comida e um lugar para dormir. O governo contornou a situação com o *New Deal*, nome dado a um conjunto de programas governamentais implementados entre 1933 e 1937 e cujo objetivo era recuperar e reformar a economia norte-americana. No entanto, foi preciso mais de uma década até a economia se reerguer e, por consequência, a situação da população melhorar.

Depois dessa concisa análise da situação social dos Estados Unidos na década de 1930, se faz necessário discutir brevemente o trabalho não ficcional de H.P. Lovecraft, ou seja, seus ensaios produzidos para revistas e jornais.

Apesar de ser conhecido mundialmente por seu trabalho como escritor de literatura de horror, o autor também escreveu muitos ensaios sobre os mais diversos

⁶ “The age of mass consumption, spurred by a dramatic surge in national income, was also the age of leisure. Americans worked less, earned more, and played more often than in any time in their history. [...] Output grew much more rapidly than population. In 1900 gross national product per person was \$800; by 1930 it reached \$1100. The 1920, a decade of pronounced economic progress, saw 60 percent of this advance. Developments in technology, and wide spread diffusion through mass production techniques, account in part for the economy’s high performance.” (tradução minha)

⁷ “75 percent of the paper value of securities vanishes. In 1929, 659 banks failed, wiping out \$250 million in deposits; two years later another 2,294 banks and \$1.7 billion met a similar fate. Industrial production in 1932 dropped 50 percent from the 1929 level and unemployment grew from four million in October 1930 to seven million the next year and to eleven million by the fall of 1932.” (tradução minha)

assuntos. Esses textos foram publicados pela editora norte-americana *Hippocampus Press*, sob a supervisão de S.T. Joshi, entre os anos de 2004 e 2006. Divididas em cinco volumes, as compilações intituladas *H.P. Lovecraft Collected Essays* estão organizadas em temas. Sendo eles: jornalismo amador (volume 1), crítica literária (volume 2), ciência (volume 3), viagens (volume 4) e filosofia (volume 5). O importante a ser ressaltado é que, antes da Grande Depressão, Lovecraft, embora fosse um crítico da modernidade – entendida aqui no sentido da estética moderna e da crescente industrialização e urbanização dos anos 20 –, ainda não tinha refletido sobre as formas de organização social alternativas. Lovecraft, nesse período, era (e continuou sendo até o final de sua vida) um ferrenho defensor dos valores da cultura greco-romana – seu ensaio “The Literature of Rome” (1918) exemplifica bem a devoção do autor aos romanos – e da cultura anglo-saxã protestante⁸ de sua região natal, o conjunto de estados conhecido como Nova Inglaterra, onde os primeiros colonizadores britânicos se estabeleceram – seu texto “Revolutionary Mythology” (1916) é um bom exemplo de sua defesa da importância da Inglaterra para a identidade cultural dos Estados Unidos.

Em outras palavras, no período que precede a Grande Depressão, o autor ainda não havia refletido sobre a sociedade num enfoque para propor grandes transformações políticas e um novo modelo de organização social que, na opinião do escritor, trariam prosperidade e dignidade ao povo norte-americano – e vale notar que, apesar do autor tratar de problemas específicos da sociedade estadunidense da época, suas ideias de reformas sociais são também a sua visão de avanços sociais para a humanidade como um todo. Em termos políticos, o máximo que encontramos nessa época são apenas alguns ensaios esporádicos sobre temas como a Primeira Guerra Mundial⁹, a proibição do álcool, mais conhecida como Lei Seca¹⁰, e a Revolução Russa de 1917¹¹. Lovecraft comenta, em carta ao escritor Clark Ashton Smith, datada de 1934, sobre como a Grande Depressão o levou a prestar maior atenção em questões políticas e econômicas:

Quanto mais eu reflito sobre a atual crise econômica e sua relação com todas as forças envolvidas, mais eu sou obrigado a repudiar todo o folclore econômico e político em que os reacionários baseiam seus argumentos. São crenças vazias - palavras - atitudes - ilusões - preconceitos - sem qualquer relação com a realidade e as necessidades existentes. Eu nunca compreendi isso totalmente antes, porque eu nunca realmente *pensei* sobre economia antes de 1930, quando os eventos mundiais me obrigaram a pensar nestas questões.¹² (LOVECRAFT, 1976, p. 57).

Lovecraft, antes da queda da Bolsa de Valores de Nova Iorque, costumava escrever ensaios sobre assuntos tão diversos quanto astronomia, suas viagens por diversas partes dos Estados Unidos e análises sobre como escrever poesia. É no último

⁸ Apesar de ateu, Lovecraft se identificava com os demais traços da cultura anglo-saxã de ascendência britânica.

⁹ “The Renaissance of Manhood” (1915).

¹⁰ “Liquor and its Friends” (1915).

¹¹ “Bolshevism” (1919).

¹² “The more I reflect on the present economic crisis in relation to all the forces involved, the more I am forced to repudiate the whole fund of economic and political folklore on which the reactionaries base their plea. It is dead material – words – attitudes – illusions – prejudices – without any bearing on existing things and existing needs. I never fully appreciated all this before, because I never really *thought* about economics prior to 1930, when world events began to compel thought in this field.” (tradução minha)

volume da série *H.P. Lovecraft Collected Essays* que encontramos os ensaios “Some Repetitions on the Times” (1933), “A Layman Looks at the Government” (1933) e “The Journal and the New Deal” (1934), que, como as datas indicam, foram escritos durante a Grande Depressão. Estes três textos essencialmente tratam do período de turbulência socioeconômica que os Estados Unidos enfrentavam, e Lovecraft não apenas discute a situação de seu país, como também aproveita a discussão para expor suas teorias sobre como uma sociedade se organiza politicamente, os efeitos que tal organização produz na vida cultural, e quais caminhos uma sociedade deve tomar para alcançar um estado próximo à utopia. É nessa época também que o autor escreve trabalhos de ficção como *The Mound* (1940)¹³, *Nas Montanhas da Loucura* (1936) e *A Sombra vinda do Tempo* (1936). O ponto que esses três textos partilham em comum é que, pela primeira vez em sua carreira, Lovecraft trabalha com um tema caro à ficção-científica, mas até então inexplorado pelo autor: civilizações extraterrestres e sua organização política e social.

2. H.P. LOVECRAFT E A GRANDE DEPRESSÃO

Para compreendermos o pensamento político do autor – no que se refere a modelos de sociedade e sua formação – e seu reflexo em *Nas Montanhas da Loucura*, é fundamental analisarmos seus textos sobre a Grande Depressão.

No primeiro de sua trilogia de textos sobre a Grande Depressão, “Some Repetitions on the Times” (1933), Lovecraft disserta sobre a necessidade de uma intervenção governamental na economia para resolver o problema do crescente desemprego. Um alvo particular de críticas são os opositores a uma postura intervencionista do estado, que usando de argumentos que o autor rejeita como idealistas e fora da realidade, afirmam que tais ações seriam antiamericanas, pois iriam contra os princípios do capitalismo *laissez-faire*¹⁴. A contra argumentação de Lovecraft pode ser resumida nos seguintes termos: por mais atraente que a ideia de um capitalismo *laissez-faire* seja na teoria, no campo prático ela é inútil como solução para problemas que necessitam de uma ação imediata. Um ponto a que o autor dá bastante ênfase é a queda de qualidade de vida da população e os efeitos psicológicos negativos.

Quando as famílias de alta estirpe não são mais capazes de manter a vida digna que até então os distinguia, e quando até mesmo o básico para se ter uma boa aparência pessoal torna-se inalcançável a uma camada da população anteriormente exigente, o padrão geral decai. Seja como for, um alto padrão de vida é difícil de manter, e este tende a se desintegrar alarmantemente quando a existência humana se torna uma luta sórdida, sem rumo, e sem futuro. Quando as pessoas começam a sentir que não há nada mais para viver ou lutar, a ética começa a perecer junto com as boas maneiras.¹⁵ (LOVECRAFT, 2006, p. 89)

¹³ Trata-se de uma novela que Lovecraft escreveu como escritor fantasma entre dezembro de 1929 e janeiro de 1930 para Zealia Bishop. No entanto, o trabalho foi publicado apenas em 1940, na *Weird Tales*, revista especializada em literatura fantástica.

¹⁴ Termo usado para designar uma teoria econômica que defende a mínima intervenção possível do estado e a permissão do funcionamento livre do mercado.

¹⁵ “When families of taste are no longer able to maintain the dignified and independent form of life which has hitherto distinguished them, and when even the Essentials of a neat personal appearance are made impossible for formerly fastidious multitudes, the general standard is bound to suffer. High levels of living are hard-won enough in any case, and tend to disintegrate alarmingly when existence becomes a

Muitos cidadãos que antes usufruíam de um bom padrão de vida, com a crise econômica, se viram em uma situação de privações materiais, em muitos casos sendo levados à mendicância ou, até mesmo, ao suicídio. Essas, segundo o autor, são as condições necessárias para uma deterioração da moral do indivíduo, o que, por sua vez, afetaria a estrutura da sociedade como um todo.

Uma objeção dos opositores a uma política de intervenção do estado na economia é a de que tal atitude inevitavelmente levaria os Estados Unidos a um regime comunista. Lovecraft reconhece os efeitos nefastos da revolução comunista e segue sua explanação, comentando as consequências sociais que o regime trouxe à população russa. Todavia, é necessário observar a atenção especial que o autor dá à questão da arte e cultura no regime soviético.

A destruição irreparável no lado cultural é igualmente flagrante. A identificação de toda a arte (ou o que passa por esta) com a propaganda política e econômica, e a discriminação dos artistas cujo trabalho sincero não é vinculado a interesses ideológicos, são fatos conhecidos que não necessitam de ênfase. O que a revolução produziu foi um vasto deserto seco e imaturo de tratados sociais, redimidos apenas por alguns promissores (e geralmente fracassados) experimentos artísticos. Este é o país que produziu Turgeniev, Dostoiévsky, e Tschaikovksy (sic), e cujas tradições dos tempos pré-revolucionários ainda são uma poderosa influência no mundo ocidental!
¹⁶(ibidem, p. 91)

Portanto, as reivindicações de Lovecraft por uma intervenção do governo na economia não possuem um caráter revolucionário, muito pelo contrário, possuem um caráter conservador. Dito de outra forma: o autor argumenta que é justamente para proteger a tradição, os valores e a cultura da sociedade americana que o governo deve intervir e gerar políticas que propiciem aos seus cidadãos os meios para que possam viver uma existência digna. Caso contrário, as massas se rebelariam, resultando em uma insurreição aos moldes da Revolução Russa de 1917 – o que representaria uma ruptura com a tradição cultural norte-americana.

O temor de Lovecraft por uma situação de miséria extrema das massas é melhor desenvolvido no ensaio “A Layman Looks at the Government” (1933), uma espécie de continuação de “Some Repetitions on the Times” (1933), em que as razões de seus temores são melhor explicadas. Nesse texto, o autor segue sua argumentação a favor da intervenção do governo na economia e retorna a refletir sobre a questão da Revolução Russa de 1917.

sordid, aimless, and apparently helpless struggle. Ethics perish along with good manners when people begin to feel that there is nothing to live or fight for any more.” (tradução minha)

¹⁶ “The irreparable destruction on the purely cultural side is equally flagrant. The identification of all art (or what passes for it) with political and economic propaganda and the virtual outlawry of the artist whose work is sincere and non-propaganda, are things too well known to need emphasis. What they have produced is a vast desert of dry and immaturely conceived social tracts, redeemed only by a few promising (and generally disapproved) experiments. This is the country which produced Turgeniev, Dostoiévsky, and Tschaikovksy, and whose pre-revolutionary traditions are still a powerful influence in the western world!” (tradução minha)

A revolta na Rússia foi um produto de causas específicas envolvendo ódios intensos (daí o repúdio selvagem ao passado) e foi causada por fatores como o analfabetismo extremo das pessoas, a submissão do povo aos ditames arbitrários dos czares, as condições primitivas da indústria, e a mentalidade peculiar dos eslavos. Nenhuma dessas condições existe na América – onde praticamente ninguém, exceto um punhado de estrangeiros, quer uma mudança radical nas artes, costumes e cultura. O problema nos Estados Unidos é de ordem financeira e industrial – como garantir a cada habitante uma qualidade de vida decente em troca de sua mão de obra – e apenas os extremistas afirmam que uma solução (que pode ser qualquer uma após vários anos de experimentação) vai exigir a demolição da tradição.¹⁷ (ibidem, p. 98).

Lovecraft faz uma distinção entre as circunstâncias sociais que levaram a Revolução Russa e a situação dos Estados Unidos. O autor segue sua argumentação explicando porque a burguesia está equivocada ao acreditar que uma transição do capitalismo para o socialismo seria uma ameaça à cultura da sociedade americana.

A única coisa que vai ter que deixar de existir é o sistema de negócios atual – os conceitos atuais de produção em grande escala, a propriedade privada não fiscalizada e os lucros industriais. Entretanto, apenas um pensador de mentalidade muito estreita poderia cometer o erro de identificar as mudanças que caracterizam essa fase de nossa civilização com a queda de toda a civilização em si. A prevalência desse equívoco mostra como o espírito burguês lamentavelmente contaminou a classe capitalista. Eles tomaram um detalhe puramente utilitarista e essencialmente temporário da civilização – a repartição de recursos materiais – e estabeleceram uma ligação com o arcabouço de costumes nacionais e raciais ... como se ganhar dinheiro, possuir propriedade privada e os valores tradicionais estivessem interligados! Ironicamente, a burguesia está, inconscientemente, reproduzindo a crença em um determinismo econômico absoluto que se originou com o próprio Karl Marx, cuja teoria eles odeiam e temem.¹⁸ (ibidem, p. 99)

O que o autor afirma – intercambiando seu discurso para a terminologia marxista – é que transformações na infraestrutura de uma sociedade não acarretam

¹⁷ “The overturn in Russia was a product of special causes involving intense hatreds (hence savage repudiations of the past) and being conditioned by the extreme illiteracy of the people, the popular habituation to arbitrary rule under the czars, the primitive condition of manufacturing industry, and the peculiar operations of the Slavonic mind. None of these conditions exist in America – where virtually nobody save a handful of foreigners wants any radical change in arts and folkways and perspectives. The problem in America is practical financial and industrial one – how to ensure every inhabitant a decent living in exchange for a reasonable amount of his labour – And only an extremist would claim that its solution (every possible thing after several years of patient experimentation) will demand any wholesale tradition-scrapping.” (tradução minha)

¹⁸ “The one thing which will have to perish is the existing business system – the present concepts of large-scale, unsupervised private property and industrial profits – but only a very narrow thinker could make the mistake of identifying this overturn of one isolated phase of our civilization with a general overturn of the whole civilization itself. The prevalence of this misconception shows how deplorably bourgeois-minded the capitalistic classes have become. They have taken a purely utilitarian and essentially temporary detail of civilization – the manner of apportioning resources – as bound up with the whole body of national and racial folkways...as if mere money-making and property-holding reactions, and traditional associations are all hung! Ironically enough, they are unconsciously reproducing the attitude of belief in a complete economic determinism which originated with the very Karl Marx whose theories they hate and fear.” (tradução minha)

necessariamente modificações na sua superestrutura. Em outras palavras, seria perfeitamente possível alterar a organização dos meios de produção de uma civilização e, ao mesmo tempo, preservar a tradição, os valores e a cultura da mesma. Sendo assim, aqueles que temem que uma intervenção governamental da economia levaria a mudanças que inevitavelmente resultariam em um regime comunista nos Estados Unidos e no fim da sociedade americana tradicional estariam equivocados.

Lovecraft comenta que mudanças socioeconômicas são necessárias para resgatar a população da miséria. Entre estas transformações, estão incluídas melhor distribuição de riqueza, programas de apoio econômico para desempregados e demais excluídos sociais, assim como programas governamentais que garantam emprego para todos, mesmo que isso signifique reduzir os lucros das grandes empresas – condição que Lovecraft julga essencial para que se possa idealizar o alcance de uma igualdade social, embora o autor defenda que cada indivíduo deva ganhar um salário diferenciado de acordo com suas qualificações. É a partir desse ponto que Lovecraft inicia sua análise sobre as origens da propriedade privada e o surgimento da aristocracia.

O aristocrata, na concepção lovecraftiana, é o indivíduo responsável pela manutenção e cultivo de valores morais, e principalmente estéticos, de alto padrão – e aponta a gênese do aristocrata no nascimento do conceito da propriedade privada. O autor explica que nos tempos primitivos não havia recursos materiais o suficiente que garantissem uma boa qualidade de vida para todos. Essa é a razão que levou aqueles que são mais capazes (tanto intelectualmente quanto fisicamente) a acumular o máximo de recursos para si e sua prole, deixando assim a uma grande maioria apenas as migalhas. Portanto, no sistema de propriedade privada, uma grande maioria passou a trabalhar e a viver uma existência penosa para garantir o bem-estar de uma minoria, que, por sua vez, usufruía do trabalho de terceiros.

Parte do objetivo de sua argumentação é demonstrar que, no mundo industrializado, a humanidade chegou a um ponto em que é possível produzir e distribuir recursos materiais de forma igualitária e em quantidade suficiente para todos – e, portanto, esse seria o momento adequado para implementar transformações sociais. Outro ponto que o autor indica é que o conceito de propriedade privada – e o consequente direito a ela – é uma abstração humana sem valor nenhum dentro do mundo natural. Em outras palavras, não existe um “direito” à propriedade, o que existe são indivíduos que, por meio da força bruta ou qualquer outro instrumento de coerção social – como a religião, por exemplo –, inibem uma grande maioria desprivilegiada de tomar a propriedade de outrem. O que o autor afirma é que a natureza humana não difere da natureza animal, ou seja, só é possível um indivíduo ou grupo manter para si um determinado recurso, enquanto um outro indivíduo ou grupo mais forte não o subjuga.

Todavia, o objetivo principal de Lovecraft é demonstrar que foi graças a essas circunstâncias – por mais injustas que sejam – que a humanidade conseguiu superar o estado de barbarismo e atingir (na visão do autor) o refinado padrão cultural e estético da civilização como hoje a conhecemos:

Foram estas circunstâncias que levaram os homens honrados e ordinariamente humanos do passado a manter um sistema de propriedade privada injusto e arbitrário, apesar dos protestos típicos de idealistas. Eles sabiam que, se alguns indivíduos fossem emancipados da miséria e do sofrimento – o que só poderia ser feito oferecendo-lhes uma plenitude de recursos, enquanto outros passavam fome, e deixando-os desfrutar de lazeres

à custa da escravidão dos demais – a raça humana nunca poderia ter utilizado suas potencialidades estéticas e mentais ao máximo; e nem ter criado conceitos, costumes, e tradições que, eventualmente, passaram a colorir a vida das massas incapazes de cria-las ou compartilhá-las em sua plenitude. [...] Assim, a atitude aristocrática não precisa de desculpas. Foi a única perspectiva sensata de seu período, e tornou possível a evolução ou refinamentos que dão um colorido a vida de um número crescente de pessoas hoje. Foi o grande agente civilizador e de normas – uma influência desinteressada, a busca por excelência apenas pela excelência em si e sem motivações econômicas. Se algumas pessoas não tivessem a permissão de subir nas costas curvadas de cadáveres de escravos e vítimas de fome, a raça humana como um todo nunca teria avançado além de seu estado primitivo.¹⁹ (ibidem, p. 104-105)

Portanto, segundo Lovecraft, as realizações intelectuais humanas, sejam de ordem científica ou estética, dependem de um sistema de exploração de uma minoria sobre uma maioria – que também usufrui dos frutos dessas conquistas. Em outros termos, as classes privilegiadas, que possuem uma melhor qualidade de vida à custa do sacrifício de uma maioria, produzem toda uma série de produtos estéticos, descobertas científicas e demais obras culturais que terminam por beneficiar indiretamente as massas exploradas. O autor segue sua defesa da aristocracia:

Essa é a crueldade inerente da natureza – a natureza que nada sabe sobre a ética, os sentimentos e os valores que as vicissitudes sugerem ao cérebro humano. Qualquer qualidade ricamente recompensadora que a vida humana tem em nossa civilização deve sua existência a um sistema de privilégios individuais baseados na injustiça, crueldade e (tendo em vista as alegações do cristianismo) hipocrisia. [...] Tal foi o arranjo, seja medieval, feudal, ou estritamente aristocrático. Seu ponto forte foi dar a uma pequena porcentagem de indivíduos os lares despreocupados e os recursos ilimitados que eles precisavam, a fim de desenvolverem um sistema de valores humanos e refinamentos com base no ideal puro de beleza intrínseca e méritos inatos. Assim como o período bárbaro anterior de luta física desenvolveu a coragem, a resiliência, e essas virtudes brotam do orgulho na força (honra, verdade, etc.), da mesma forma o posterior período feudal-aristocrático (em que a força física ainda teve sua parcela de importância), confirmou tanto estas virtudes anteriores como também criou qualidades adicionais com base na lógica, conhecimento, beleza, que expandiram e sensibilizaram o espírito humano.²⁰ (ibidem, p 104-105)

¹⁹ “It is this circumstance which caused honourable and ordinarily humane men to uphold the system of inequitable and arbitrary property in the past, despite the pated protests of idealists. They knew that unless some individuals were emancipated from want and hardship – as could be done only through giving them a plenitude of resources whilst others starved, and letting them enjoy a leisure based on the slavery of others – the race could never utilize its maximum mental and aesthetic potentialities status of the species; concepts, folkways, and traditions eventually colouring even the lives of the masses unable to create or fully share them. [...] Thus the aristocratic attitude needs no apology. It was the only sensible perspective of its period, and made possible the evolution or refinements which colour the lives of increasing numbers of people today. It was the great civilizer and standard-setter – the one influence which started the disinterested, non-economic quest of excellence for its own sake. If some had people had not allowed to rise on the bent backs and corpses of slaves and famine-victims, the race as a whole would never have gone far from the primitive state.” (tradução minha)

²⁰ “That is the inherent cruelty and wastefulness of stark nature – A nature which knows nothing of the ethics and sentiments and values and efficiencies that chance vicissitudes have suggested to the human

Em suma, os benefícios culturais resultantes dessa organização social, que, no final, elevam a humanidade acima da condição de barbarismo e trazem vantagens a todos independente da sua posição social, são os que levam as massas a aceitarem este sistema.

Entretanto, o escritor observa que o sistema aristocrático tem seus pontos negativos, e que esses, eventualmente, levaram à queda da aristocracia:

Seu ponto fraco era que a recompensa não estava ligada de forma alguma com os serviços prestados ou ao mérito pessoal – ou força ou inteligência. Heranças e favores levaram os lugares de influência e riqueza a serem preenchidos por aqueles que não ganharam um "direito" a estes por méritos próprios. [...] Com o crescimento da reflexão lógica e o declínio da superstição, percebeu-se que era ridículo que alguns homens – arbitrariamente escolhidos – devessem ter privilégios, enquanto muitos homens de qualidades superiores ficavam por baixo. A admiração e confiança no sistema foram postas em dúvida. O sistema tornara-se demasiado artificial para continuar – e a natureza, usando do mesmo método quando a sociedade estratificada foi fundada, iniciou uma rebelião. [...] O privilégio arbitrário foi revogado e um critério de privilégio com base no poder aquisitivo e igualdade de oportunidades foi estabelecido. As oportunidades agora estavam ao alcance de todos os homens para conquista-las e mantê-las de acordo com seus dotes naturais, de modo que não haveria mais uma aristocracia estática (embora, claro, os bem-sucedidos façam o possível para fundar uma e transmiti-la a seus filhos), mas simplesmente uma arena aberta, em que os homens mais astutos monopolizam os recursos materiais até serem derrubados ou esfaqueados pelas costas por homens ainda mais perspicazes. Cada um por si e Deus por todos. Este foi o final da fase mercantilista burguesa da civilização.²¹ (ibidem, p. 105)

brain. Whatever richly rewarding quality human life has in our civilization, it owes to the past existence of a system of individual privilege based on injustice, cruelty and (in view of the outward claim to Christianity) hypocrisy. [...]

Such was the mediaeval, feudal, or strictly aristocratic alignment. Its strong point was that it gave a small percentage of individuals the carefree leisure and limitless resources which they needed in order to evolve a system of disinterested human values and to develop objects and refinements based on the sheer, uncalculative ideal of intrinsic beauty and innate merit. Just as the earlier barbaric period of physical struggle developed courage, unbrokenness, and those virtues which spring from pride in strength (truthfulness, honour, etc.); so did the feudal-aristocratic period (in which physical strength still played a great part) both confirm these earlier virtues and create additional graces based on logic, beauty knowledge, and expanded and sensitised human faculties.” (tradução minha)

²¹ “Its weak point was that its reward was not connected in any way with services rendered or with personal merit – either strength or intelligence. Inheritance and favour had caused the seats of influence and wealth to filled by those who had not personally won a “right” to them [...] With the growth of logical reflection and the decline of superstition, it was felt vaguely and subtly ridiculous that some men – arbitrarily chosen – should have privilege, whilst many obviously better men were choke down. Awe and confidence in the system wore off. It had become too artificial to last – and nature, using the same method as when society was first founded and stratified, staged an overturn. [...] Arbitrary privilege was declared void, and a criterion of privilege based on acquisitive power operating under equal opportunity was established. The field was to be made nominally equal for all men to grab and hold according to their natural endowments, so that there would no longer be a static aristocracy (although of course the successful grabbers would do their best to found one through their children) but simply an open arena in which the shrewdest men would hog the resources until knocked down or knifed in the back by still shrewder men. Dog eat dog, and devil take the hindmost. This was the bourgeois commercialism of the phase civilization just ending.” (tradução minha).

Lovecraft segue sua explanação afirmando que, se em um primeiro momento histórico as massas aceitaram o jugo da aristocracia devido aos benefícios culturais proporcionados, essa mesma massa destronou os aristocratas ao perceber que nem sempre os melhores homens, ou os mais capacitados e realmente merecedores, ocupavam as melhores posições, substituindo assim o sistema aristocrático pela burguesia. Ao explicar porque as massas aceitaram o sistema burguês, o autor novamente utiliza-se dos benefícios que um determinado sistema pode trazer. Em uma organização social na qual a posição de privilégio foi deslocada do fator de hereditariedade para o fator de sobrevivência do mais apto, as massas passaram a sentir uma identificação maior com a burguesia do que com a aristocracia, pois a primeira permite uma maior mobilidade social. Em outras palavras, com a ascensão da burguesia, em teoria, não existe mais uma sociedade estática com classes bem divididas por nascença, e a sociedade burguesa capitalista permitiria a qualquer um ascender socialmente, desde que o indivíduo tenha a capacidade para tanto. Em última instância, o novo sistema se basearia na meritocracia.

Entretanto, Lovecraft enfatiza, tanto em “Some Repetitions on the Times” (1933), quanto em “A Layman Looks at the Government” (1933), que a manutenção de um sistema social, seja ele qual for, depende principalmente de manter as massas mais ou menos satisfeitas. Não importa se por meio de instituições sociais e políticas (igreja, estado, educação, etc.) ou pela promessa da possibilidade de ascensão social. O importante para uma ordem social funcionar, segundo o autor, é não oprimir as massas em excesso, oferecendo a elas algum tipo de esperança ou compensação dentro do sistema. Essa última observação é um dos focos do ensaio “The Journal and the New Deal” (1934), o último texto de Lovecraft sobre a Grande Depressão. Trata-se de um escrito não publicado, um ensaio feito para o *The Journal*, uma publicação da época que se opunha às políticas do *New Deal*. Lovecraft, bem como nos textos anteriores, argumenta a favor do *New Deal*, retomando pontos dos ensaios precedentes – como criticar o idealismo daqueles que insistem no capitalismo *laissez-faire*, ignorando a realidade da Grande Depressão que provava (na época) a falência deste – além de discutir o perigo de se pressionar as massas além da conta:

A população não vai apoiar uma ordem social que não lhes dá oportunidade de usufruir os seus frutos. Uma população inteira trabalhando e comendo devido a uma economia planificada é mais nobre e mais americano do que um grupo restrito de “individualistas” prosperando [enquanto] um numero crescente de desempregados morrem de fome ou recebem esmolas.²² (Ibidem, p. 114)

Abaixo, Lovecraft (ibidem, p. 116) esclarece o que o sistema oferece às massas e as faz apoiá-lo, mas que as circunstâncias da Grande Depressão ameaçavam colocar em risco:

O que é essencial e distintivo em um homem não é a rotina de trabalho em seu escritório, mas a forma como ele vive fora deste. É a sua vida, cuja manutenção é o objetivo. Enquanto o trabalho de escritório garantir a um

²² “People will not support a social order which gives them no chance to share in its fruits. A whole population working and eating according to a planned economy is a nobler and more American thing than a limited nucleus of “rugged individualists” prospering [while] an increasing unemployable minority starve or languish on a degrading dole.” (tradução minha)

homem uma vida decente, rica e indiscutivelmente livre, pouco importa qual seja o trabalho – quem seja o proprietário da empresa, ou como seja a distribuição dos lucros, desde que haja lucros.²³

O que faz uma maioria desprivilegiada apoiar uma determinada ordem social são as vantagens que esta oferece. Em suma, o que mantém o equilíbrio de uma sociedade e protege seus valores e tradições é garantir à população as condições necessárias para poder viver uma existência digna. Caso contrário, a penalidade por essa falta seria uma rebelião das massas – que, unidas, são fortes e, logo, têm o poder de usurpar a propriedade privada – contra o sistema.

3. NAS MONTANHAS DA LOUCURA: UMA INTERPRETAÇÃO POLÍTICA

A novela de Lovecraft conta a história de uma expedição à Antártida organizada pela fictícia Universidade Miskatonic. Com uma narração em primeira pessoa, o personagem narrador – o geólogo William Dyer – relata a descoberta das ruínas da cidade de uma antiga civilização localizada entre um conjunto de montanhas numa região isolada. Acompanhado de um estudante de graduação, identificado no texto apenas pelo sobrenome Danforth, o narrador inicia a exploração dos templos, corredores, alamedas e demais construções da cidade abandonada.

Escrita como se fosse um rascunho de um artigo científico, a novela relata com uma riqueza de detalhes técnicos e científicos todos os passos da expedição, oferecendo ao leitor explicações sobre geologia e biologia, e informações sobre o clima na Antártida, o que confere ao texto um tom de veracidade acadêmica. Dyer narra como uma equipe que fazia parte da expedição se separou do resto do grupo, direcionando-se a partes isoladas da região, e como isso os levou a descobrir os espécimes congelados dos habitantes da cidade abandonada, uma raça alienígena que vivera na terra milhões de anos atrás.

Esse pequeno resumo não faz jus às implicações filosóficas de *Nas Montanhas da Loucura*, texto que faz uma reflexão um tanto pessimista sobre o papel do homem no universo e sua irrelevância perante o cosmo, questionando que segredos se escondem entre as estrelas e se a humanidade não estaria melhor na ignorância. No entanto, o aspecto que interessa a este artigo é a questão sociocultural, ou seja, como as ideias políticas de Lovecraft encontram seus ecos na organização social dos Anciões – nome dado à raça alienígena da novela por um dos personagens do texto.

Como dito anteriormente, os arquitetos da gigantesca cidade encontrada por Dyer e Danforth são uma raça que veio do espaço milhões de anos atrás. Radical e biologicamente diferentes da humanidade, a raça alienígena também é intelectualmente superior. Essa superioridade é exemplificada não apenas pelas asserções de que tecnologicamente seriam muito mais avançados, mas principalmente pela sua produção artística. Esse ponto é evidenciado pelo fato de que a maior parte das informações que

²³ “That which is essential and distinctive about a man is not the routine of material struggle he follows in his office, but the way he lives, outside his office, the life whose maintenance is the object of his struggle. So long as his office work gains him a decently abundant and undisputedly free life, it matters little what that work is – what the ownership of the enterprise, and what and how distributed its profits, if profits there be.” (tradução minha)

Dyer e Danforth obtêm sobre a história e cultura dos Anciões é fornecida pelas diversas esculturas e gravuras que eles encontram nas paredes das ruínas da cidade durante sua exploração. O personagem-narrador Dyer não esconde seu fascínio pelo talento e técnica dos alienígenas ao descrever as esculturas nas paredes:

A técnica, conforme percebemos, era madura, sofisticada e exibia o mais alto grau de refinamento estético, embora fosse absolutamente estranha a qualquer tradição artística conhecida na história da raça humana. Na delicadeza da execução, nenhuma escultura que eu tivesse visto seria páreo. Os mais ínfimos detalhes da vegetação elaborada e da vida animal estavam representados com uma vividez impressionante, apesar da imponente escala dos entalhes; e os desenhos mais convencionais eram legítimas maravilhas da execução rebuscada. [...] As listras pictóricas seguiam uma tradição altamente formalizada e envolviam um tratamento deveras singular da perspectiva; mas eram dotadas de um ímpeto artístico capaz de nos comover, apesar do abismo de vastos períodos geológicos que nos separava. (LOVECRAFT, 2011, p. 67)

Na mitologia criada por Lovecraft, os Anciões, ao chegar à Terra, utilizaram sua avançada tecnologia para criar novas formas de vida no planeta, e dessas experiências nasceram a raça humana e os shoggoths. Os primeiros foram o fruto do mero acaso enquanto que os segundos foram criados especificamente para servir aos Anciões.

Foi no fundo do mar, a princípio no intuito de obter alimento e mais tarde para outros fins, que primeiro criaram a vida na Terra – usando as substâncias disponíveis de acordo com métodos conhecidos havia muito tempo. Os experimentos mais elaborados vieram depois da aniquilação de vários inimigos cósmicos. Havia feito a mesma coisa em outros planetas; e criaram não apenas os alimentos necessários, mas também certos aglomerados protoplásmicos multicelulares capazes de moldar os tecidos em toda sorte de órgãos temporários quando sujeitos à sugestão hipnótica – escravos ideais para desempenhar o trabalho pesado na comunidade. Esses aglomerados viscosos eram sem dúvida o que Abdul Alhazred chamava aos sussurros de “shoggoths” no terrível *Necronomicon*, [...]. Após sintetizar as formas mais simples de alimento e criar um bom estoque de shoggoths, os Anciões com cabeça de estrela permitiram que outros grupos celulares evoluíssem para formar as mais variadas formas de vida animal e vegetal; porém sempre extirpando quaisquer presenças indesejáveis. Com a ajuda dos shoggoths, cujas expansões eram capazes de erguer pesos prodigiosos, as pequenas e baixas cidades submarinas transformaram-se em vastos e imponentes labirintos de pedra que mais tarde ergueram-se até a superfície. (ibidem, p. 72-73)

No enredo de *Nas Montanhas da Loucura*, não apenas a raça humana, mas demais formas de vida animal e vegetal da Terra, foram apenas o efeito inesperado de um capricho dos Anciões (em um trecho posterior da narrativa, os protagonistas encontram uma escultura na parede de um ser simiesco semelhante a um humano). Uma passagem da narrativa que expõe de forma explícita as inclinações políticas do autor é quando o personagem-narrador descreve a organização social da raça alienígena:

O sistema de governo era sem dúvida complexo e provavelmente socialista, embora as esculturas não ofereçam nenhuma certeza a esse respeito. [...] Embora a cultura fosse em grande parte urbana, havia uma agricultura limitada e uma pecuária bem desenvolvida. A mineração e uma atividade industrial limitada também eram praticadas. (IBIDEM, p. 75)

Na visão de Lovecraft, a industrialização é responsável por duas injustiças. A primeira era a perda de emprego de milhares de pessoas. A segunda era que a industrialização levava ao que se poderia chamar de uma alienação estética da população – ou seja, o mundo industrial, na sua ânsia de gerar lucros apenas pelo ato em si, prejudicava tanto a produção quanto a apreciação da arte e cultura em geral.

A sociedade descrita por Lovecraft em *Nas Montanhas da Loucura* tem muitos pontos em comum com a sociedade de outra novela do autor, *A Sombra vinda do Tempo* (1936). Nesse último, as ideias de organização social de Lovecraft são apresentadas de forma mais detalhada, ao ponto de passagens inteiras de “Some Repetitions on the Times” (1933) serem parafraseadas no texto – mais especificamente trechos em que o autor afirma que apenas indivíduos qualificados por meio de testes devem ter o direito ao voto e que as horas de trabalho nas indústrias devem ser distribuídas de forma igualitária entre os cidadãos para que, dessa forma, todos tenham emprego garantido e tempo ocioso para se dedicar a atividades culturais, entre outras ideias utópicas.

O importante a se identificar é que, embora *Nas Montanhas da Loucura* não descreva a sociedade dos Anciões com a mesma riqueza de detalhes de *A Sombra vinda do Tempo*, é inegável que a sociedade da Grande Raça (nome dado aos alienígenas do texto) é quase um espelho dos Anciões – visto que em ambos os textos o autor descreve as sociedades como socialistas²⁴, além de outros detalhes em comum como o apreço à cultura e ao intelecto. Essa semelhança já fora notada por S.T. Joshi (2003, p. 107):

Nas civilizações alienígenas de Lovecraft a organização social em alguns aspectos é notavelmente semelhante e em outros incrivelmente divergentes. Em última análise, a Grande Raça claramente se destaca como a mais esclarecida e o “modelo” ideal de Lovecraft, com os Anciões logo atrás [...].²⁵

Sobre a questão da industrialização na obra de Lovecraft, tanto ficcional, quanto em ensaios, Joshi comenta:

É interessante notar que duas das três raças altamente evoluídas em Lovecraft – os Anciões e os Habitantes do *The Mound* – passaram por uma fase de cultura mecanizada, mas a abandonaram porque eles a consideraram

²⁴ É necessário salientar que o socialismo que Lovecraft defendia não era o ortodoxo. L. Sprague De Camp, biógrafo de H.P. Lovecraft, comenta que o tipo de socialismo que o autor advogava, o qual Lovecraft chamava de “socialismo fascista”, não se assemelha a nenhuma forma de governo conhecida pela humanidade. As ideias defendidas por Lovecraft e citadas anteriormente (como testes de aptidão para exercer o direito ao voto, etc.), mostram como o conceito de socialismo do autor diverge do socialismo clássico de vertente marxista.

²⁵ “In social organization Lovecraft’s alien civilizations are in some respects strikingly similar and in others notably divergent. In the final analysis the Great Race clearly emerges as the most enlightened and “model” race in Lovecraft, with the Old Ones some distance back (...).” (tradução minha)

insatisfatória (MM 62, HM 343). Isto está de acordo com a aversão de Lovecraft a mecanização desenfreada que estava alterando toda a estrutura de sua sociedade. [...] A evolução do pensamento de Lovecraft torna-se agora clara: quando escreveu *The Mound* e *Nas Montanhas da Loucura*, ele ainda acreditava ser possível reverter o processo de mecanização e voltar para a aristocracia rural do passado, mas com a escrita de “Some Repetitions on the Times” e *A Sombra vinda do Tempo*, percebemos que Lovecraft aceitou a inevitabilidade de um futuro mecanizado, embora de maneira alguma simpatize com isso e acredite que uma educação adequada e a reorganização da sociedade (principalmente com a abolição da democracia e do capitalismo) talvez pudesse proporcionar uma existência digna e esteticamente agradável. Lovecraft deixou de desejar uma restauração do passado para desejar uma reforma do futuro.²⁶ (JOSHI, 2003, p. 107-112)

E termina afirmando:

Em conclusão, podemos destacar três características que distinguem as grandes civilizações alienígenas de Lovecraft – inteligência pura, forte organização política, e sensibilidade estética – o que por sua vez representam os objetivos que Lovecraft desejava para a sociedade moderna.²⁷ (ibidem, p. 124)

Dito isso, é necessário destacar o papel dos shoggoths nos acontecimentos de *Nas Montanhas da Loucura*. Como dito anteriormente, o narrador, ao longo da novela, começa a cultivar um apreço crescente pelos Anciões. Inicialmente horrorizado pela descoberta e pelo aspecto aterrorizante da espécie, Dyer aos poucos torna-se um admirador, afirmando em diversas ocasiões o quanto a ciência e a arte dos alienígenas são infinitamente mais avançadas do que qualquer realização humana. Todavia, ao longo do texto, Dyer também ressalta o papel dos shoggoths na formação desta grande civilização. Segundo a narração, os shoggoths são “animais de carga” (Dyer usa essas exatas palavras) responsáveis por todo tipo de trabalho pesado e insalubre.

É evidente o reflexo político do pensamento do autor em *Nas Montanhas da Loucura*. Em outras palavras, para que os Anciões florescessem culturalmente e tecnologicamente ao migrar para a Terra foi necessário que outra classe fosse criada especialmente para realizar as tarefas árduas – exatamente como Lovecraft afirma em sua teoria sociopolítica²⁸.

²⁶ “It is noteworthy that two of Lovecraft’s three highly evolved races—the Old Ones and the mound denizens—had passed through a stage of mechanised culture but had discarded it because they found it unsatisfying (MM 62, HM 343). This is in strict accordance with Lovecraft’s loathing of the rampant mechanisation which was altering the whole structure of his society. (...) The development of Lovecraft’s views now becomes clear: when he wrote “The Mound” and *At the Mountains of Madness*, he still felt it possible to reverse the tide of mechanisation and return to the rural-based aristocracy of the past; but with the writing of “Some Repetitions on the Times” and “The Shadow out of Time,” we see that Lovecraft has accepted the inevitability of a mechanised future—though by no means sympathising with it—and feels that proper education and the reorganisation of society (particularly the abolishment of democracy and capitalism) could perhaps provide meaningful and aesthetically satisfying existence. Lovecraft had ceased to want a *restoration* of the past, but now looks to *reform* for the future. (tradução minha)

²⁷ In conclusion, we can single out three traits which distinguish Lovecraft’s higher alien civilisations—pure intelligence, sound political organisation, and aesthetic sensibility—and which in turn represent the goals for which Lovecraft wished modern society to aim.” (tradução minha)

²⁸ É interessante observar o paralelo da relação entre os Anciões e os Shoggoths com a sociedade greco-romana – pela qual, como já foi dito, Lovecraft nutria uma grande admiração – em que uma minoria

Todavia, a afirmação de Lovecraft comentando que as massas só apoiam um determinado sistema enquanto este lhe oferecer alguma recompensa, também aparece na relação de dominado e dominador entre as duas espécies. O narrador Dyer afirma:

Os shoggoths sempre haviam sido controlados pelas sugestões hipnóticas dos Anciões, e assim modelavam a resistente plasticidade de seus corpos em diversos órgãos e membros temporários; mas a partir desse ponto começaram a exercer os poderes de modelagem corpórea de forma independente, adotando várias formas imitativas sugeridas por hipnose passadas. Ao que tudo indica, as criaturas desenvolveram um cérebro bastante estável cujos impulsos independentes e por vezes obstinados ecoavam a vontade dos Anciões sem necessariamente a obedecer. [...] Em geral apareciam como entidades amorfas compostas por uma substância verde e gelatinosa que parecia um aglutinado de bolhas; e tinham em média cinco metros de diâmetro quando em formato de esfera. A verdade, no entanto, é que apresentavam forma e volume em constante mutação; estendiam apêndices e formavam órgãos temporários de visão, audição e fala como os de seus criadores, de maneira espontânea ou como resultado de sugestão hipnótica. Os shoggoths parecem ter ficado intratáveis por volta do período Permiano, cerca de 150 milhões de anos atrás, quando uma verdadeira guerra foi deflagrada pelos Anciões marinhos no intuito de subjuga-los mais uma vez. (LOVECRAFT, 2011, p. 77)

Enquanto os shoggoths eram aglomerados protoplásmicos multicelulares sem vontade própria e controlados pela sugestão hipnótica dos Anciões, eles eram os escravos perfeitos. No entanto, à medida que desenvolveram um cérebro próprio, rebelaram-se contra seus mestres. A forma como os shoggoths, ao adquirir inteligência, começam a imitar os Anciões ecoa o argumento de Lovecraft de que a aristocracia é a classe que define os padrões pelos quais os demais se guiam. Indo um pouco além, pode-se dizer também que os shoggoths, nessa imitação da classe superior, traçam um interessante paralelo com o funcionamento do sistema burguês segundo a descrição dada por Lovecraft, em que as massas desejam ascender socialmente, ou seja, desejam ser eles próprios burgueses.

Sendo assim, a rebelião das criaturas reflete a afirmação do autor de que, quando as massas não têm nada a perder – além de estarem à margem da civilização que ajudaram a construir –, o resultado é uma revolta contra aqueles que se encontram no topo da hierarquia social.

Saindo um pouco da questão dos shoggoths, é interessante notar que a filosofia de Lovecraft aparece também nos conflitos que os Anciões travaram com outras raças alienígenas.

Durante o período jurássico os Anciões defrontaram-se com novos invasores vindos do espaço sideral – desta vez seres meio fungóides e meio crustáceos oriundos de um planeta identificável como o remoto e recém-descoberto Plutão; seres com certeza idênticos àqueles que figuram em certas lendas contadas aos sussurros no norte e conhecidos no Himalaia como Mi-Go, ou Abomináveis Homens das Neves. [...] No fim os Mi-Go expulsaram os

ociosa desenvolvia a arquitetura, escultura, poesia, filosofia, historiografia, entre tantas outras áreas de conhecimento, enquanto uma grande massa ficava encarregada do trabalho mundano.

Anciões de todas as terras ao norte, embora não dispusessem de meios para investir contra o fundo do mar. Aos poucos começou o lento recuo da raça ancestral em direção ao *habitat* antártico originário. (ibidem, p. 78)

Em suma, para Lovecraft, no grande esquema do universo, a ética e a moral são construções humanas arbitrárias. A única verdade que existe é a natureza amoral que reconhece apenas a lei do mais forte. Nesse caso, a forma como se deram as batalhas entre raças alienígenas na Terra muito antes do surgimento do homem é a maneira do autor demonstrar a insignificância deste perante o cosmos. Assim, a humanidade é apenas uma das muitas espécies que um dia habitou o planeta e está fadada a desaparecer como tantas outras espécies – sejam os dinossauros, sejam os Anciões²⁹. Entretanto, nessa concepção de um universo indiferente, o conceito da propriedade privada – e a crítica de Lovecraft a essa noção – surge como um desdobramento dessa ideia. Em outras palavras, os Anciões só conseguiram manter seu território enquanto não houvesse a presença de outro grupo mais forte, os Mi-Go, que os expulsassem. Portanto, encontramos em *Nas Montanhas da Loucura* mais um reflexo das teses políticas de Lovecraft – mais especificamente aquela que fala sobre a artificialidade do conceito de propriedade privada.

4. CONCLUSÃO

Embora existam fortes evidências do conteúdo político da *Nas Montanhas da Loucura*, isso não equivale a dizer que *todas* as ideias políticas de Lovecraft foram igualmente inseridas no texto pelo escritor. Dito de outra forma: neste artigo, foi elaborada uma interpretação da novela em conformidade com os ensaios políticos do autor como uma lente de leitura, ou seja, *Nas Montanhas da Loucura* foi lido através dos ensaios de Lovecraft. Portanto, é necessário fazer uma distinção entre o que é o produto da leitura realizada por este artigo e o que faz parte da intenção do autor.

No que tange a organização social dos Anciões como uma sociedade utópica socialista, avessa à industrialização e grandes cultivadores e apreciadores da arte, estamos seguros em afirmar que se trata de um produto intencional. Em outros termos, Lovecraft, conscientemente, expôs na novela seus ideais sociopolíticos, utilizando os Anciões como fio condutor – uma vez que a admiração do narrador Dyer pela civilização alienígena é paralela à do autor pelas transformações sociais que ele desejava. O que sustenta essa afirmação é a literalidade com a qual esses ideais são expostos em *Nas Montanhas da Loucura*. O que Lovecraft fez, basicamente, foi usar o narrador William Dyer para advogar a respeito das virtudes e qualidades da sociedade dos Anciões³⁰, tal qual o autor fez em seus ensaios ao argumentar sobre possíveis utopias.

Todavia, apesar de a tese sobre a origem da aristocracia do próprio Lovecraft encaixar-se perfeitamente bem em sua novela, é pouco provável que o autor tenha tido a

²⁹ A ideia da efemeridade da espécie humana aparece também em *A Sombra vinda do Tempo*. Na novela, o narrador descobre que daqui a milhões de anos a humanidade terá desaparecido e dado lugar a uma raça de besouros inteligentes.

³⁰ Encontramos a mesma estratégia repetida em *A Sombra vinda do Tempo*, em que o narrador Nathaniel Wingate Peaslee versa de forma quase idêntica a Dyer sobre a Grande Raça. William Dyer inclusive aparece como um personagem secundário nessa novela.

intenção de criar uma alegoria de luta de classes. Embora uma leitura política da civilização dos Anciões como uma utopia socialista seja viável – o que inclui a afirmação de que essa foi a intenção pretendida por Lovecraft – o mesmo não pode ser dito em relação aos shoggoths. Em outras palavras, não é possível imputar a Lovecraft uma intencionalidade em que o autor pretendeu que os Anciões simbolizassem a aristocracia e os shoggoths as massas. A razão para se desacreditar dessa hipótese é porque Lovecraft, ao apresentar os shoggoths ao leitor, não imputa as criaturas um subtexto político³¹. A função dos shoggoths na narrativa é provocar medo e horrorização nos personagens. Eis as impressões do narrador ao encontrar a escultura de um Shoggoth:

Por pouco eu mesmo não ecoei o grito; pois também havia testemunhado as esculturas primordiais e sentido uma repulsiva admiração [...]. As esculturas pareciam infames e dignas de um pesadelo mesmo ao representar eventos transcorridos em eras passadas e ancestrais; pois os shoggoths e os horrores que perpetravam não deveriam ser vistos por olhos humanos nem retratados por quaisquer outros seres vivos. (LOVECRAFT, 2011, p. 103)

E, ao encontrar uma das criaturas pessoalmente:

Era uma coisa medonha, indescritível, maior do que qualquer trem de metrô – um aglomerado informe de bolhas protoplásmicas dotadas de tênue luminosidade com miríades de olhos temporários que surgiam e desapareciam como pústulas de luz esverdeada por toda a dianteira que avançou para cima de nós, esmagando os pinguins e deslizando pelo chão reluzente que aquilo e outras entidades semelhantes haviam privado de todo o entulho. (ibidem, p. 108-109)

Portanto, no que diz respeito ao uso dos shoggoths na narrativa de Lovecraft, esses são apenas um artifício que visa a despertar o efeito que um escritor de histórias de horror normalmente deseja provocar em seu leitor: pavor, medo, repulsa e tantas outras emoções negativas comumente associadas ao gênero. De fato, apesar de *Nas Montanhas da Loucura* possuir diversos elementos de ficção-científica, a novela é, em sua essência, uma história de horror, que busca, em primeiro lugar, despertar medo no leitor em detrimento do fascínio por tecnologias avançadas ou sociedades utópicas.

O escritor Fritz Leiber (2003, p. 288), com quem Lovecraft manteve uma amizade via cartas, esclarece melhor essa questão ao analisar a obra do autor.

[...] em *Nas Montanhas da Loucura* há uma reviravolta em que as entidades temidas tornam-se quem teme, o autor mostra-nos horrores e depois puxa a

³¹ S.T. Joshi afirma que, embora os Anciões como uma utopia reflitam o pensamento político de Lovecraft de forma intencional por parte do autor, o mesmo não pode ser dito dos shoggoths. Em seu livro *A Subtler Magick: The Writings and Philosophy of H.P. Lovecraft* (1999), Joshi arriscou uma tentativa de explicação para o papel dos shoggoths na novela como uma alegoria ao negro escravo norte-americano, utilizando-se de uma carta que Lovecraft escreveu sobre a cultura africana. Todavia, Joshi reconheceu que *Nas Montanhas da Loucura* não fornece elementos suficientes para tal leitura.

cortina um pouco além, deixando-nos vislumbrar os horrores dos quais até mesmo os horrores têm medo!³²

Segundo Leiber (2003, p. 288), a razão pela qual as histórias de Lovecraft na fase final de sua carreira³³ começaram a ficar cada vez mais longas se deve à necessidade de se intensificar o efeito de horror almejado:

O desejo de aumentar a extensão e a complexidade das histórias não é incomum entre os escritores de histórias de horror. Isto pode ser comparado ao desejo do viciado em drogas por doses maiores e esta comparação não é fantasiosa, já que o objetivo principal do conto sobrenatural é de despertar o sentimento único de terror espectral no leitor, e não delinear personagens ou fazer um comentário sobre a vida. Devotos deste gênero de literatura são às vezes capazes de tomar doses de horror que podem esgotar ou enjoar a pessoa comum. Cada leitor deve decidir por si mesmo a duração que ele pode suportar de uma história sem afetar o seu senso de terror. Para mim, toda a obra de Lovecraft, incluindo o extenso *Nas Montanhas da Loucura*, pode ser lida com crescente excitação.³⁴

Ao invés de possuírem um caráter alegórico de cunho político, os shoggoths são, na verdade, um estratagema do autor para intensificar o horror da narrativa. Em outras palavras, Lovecraft, em um primeiro momento da trama, ludibria o leitor ao apresentar os Anciões como criaturas assustadoras para mais adiante apresentar os shoggoths como o verdadeiro horror.

Em suma, a comparação entre os ensaios políticos de Lovecraft e o enredo de sua novela torna visível como as ideias políticas do autor encontram espaço em sua literatura de ficção. Portanto, deve-se reconhecer que, no caso de *Nas Montanhas da Loucura*, há uma íntima relação entre história e arte na produção literária do escritor – relação que teve sua gênese na mudança do cenário econômico dos Estados Unidos na década de 30. Sendo assim, deve-se compreender *Nas Montanhas da Loucura* como um produto histórico no sentido de que as mudanças sociopolíticas providenciaram um cenário que levou Lovecraft a refletir sobre a nova realidade de sua época e a exercer sua criatividade de forma diferente. Visto que antes da Grande Depressão a literatura de horror do autor flertava com temáticas tradicionais do gênero – como casas assombradas (*The Shunned House*, 1924)³⁵, maldições (*The Temple*, 1925), ocultismo (*The Case of*

³² “(...) in *At the Mountains of Madness* there is a transition whereby the feared entities become the fearing; the author shows us horrors and then pulls back the curtain a little farther, letting us glimpse the horrors of which even the horrors are afraid!” (tradução minha)

³³ *Nas Montanhas da Loucura* pertence a essa fase. O texto possui cerca de 40 mil palavras.

³⁴ “An urge to increase the length and complexity of tales is not uncommon among the writers of horror stories. It can be compared to the drug addict’s craving for larger and larger doses—and this comparison is not fanciful, since the chief purpose of the supernatural tale is to arouse the single feeling of spectral terror in the reader rather than to delineate character or comment on life. Devotees of this genre of literature are at times able to take doses which might exhaust or sicken the average person. Each reader must decide for himself just how long a story he can stand without his sense of terror flagging. For me, all of Lovecraft, including the lengthy *At the Mountains of Madness*, can be read with ever-mounting excitement”. (tradução minha)

³⁵ Data em que foi escrito. O conto só foi publicado em outubro de 1937 na revista *Weird Tales*, após a morte de Lovecraft em março do mesmo ano.

Charles Dexter Ward, 1927)³⁶, entre outros – e, após a queda da Bolsa de Nova Iorque, o interesse de Lovecraft se voltou para questões sociais, o que levou o autor a encontrar no gênero ficção-científica um campo fértil para explorar suas ideias utópicas.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, James Arthur. *Out of the Shadows: A Structuralist Approach to Understanding the Fiction of H. P. Lovecraft*. Wildside Press: New Jersey, 2011.
- BEZARIAS, Caio Alexandre. *A Totalidade pelo Horror – O Mito na Obra de Howard Phillips Lovecraft*. São Paulo: Annablume, 2010.
- DE CAMP, L. Sprague. *Lovecraft: A Biography*. Ballantine Books: New York, 1975.
- GOODMAN, Paul. GATELL, Frank O. *America In The Twenties. The Beginnings of Contemporary America*. Holt, Rinehart and Winston, Inc. 1972.
- HADEN, David. *Ice Cores: Essays on Lovecraft's novella At the Mountains of Madness*. Kindle Edition, 2011.
- JOSHI, S. T. *A Dreamer and a Visionary: H. P. Lovecraft in his Time*. Liverpool University Press: Liverpool, 2001.
- _____. *Primal Sources: Essays on H. P. Lovecraft*. Wildside Press: New Jersey, 2003.
- _____. *A Subtler Magik: The Writings and Philosophy of H.P. Lovecraft*. Wildside Press: New Jersey, 1999.
- LEIBER, Fritz. *A Literary Copernicus*. In: Fritz Leiber and H.P. Lovecraft – Writers of the Dark. Wildside Press: New Jersey, 2005.
- LOVECRAFT, H.P. *Bolshevism*. In: *Collected Essays Volume 5 – Philosophy Autobiography & Miscellany*. Hippocampus Press: New York, 2006.
- _____. *The Journal and the New Deal*. In: *Collected Essays Volume 5 – Philosophy Autobiography & Miscellany*. Hippocampus Press: New York, 2006.
- _____. *A Layman Looks at the Government*. In: *Collected Essays Volume 5 – Philosophy Autobiography & Miscellany*. Hippocampus Press: New York, 2006.
- _____. *The Literature of Rome*. In: *Collected Essays Volume 2 – Literary Criticism*. Hippocampus Press: New York, 2004.
- _____. *Liquor and its Friends*. In: *Collected Essays Volume 5 – Philosophy Autobiography & Miscellany*. Hippocampus Press: New York, 2006.
- _____. *Nas Montanhas da Loucura*. Editora Hedra: São Paulo, 2011. Traduzido por Guilherme da Silva Braga.
- _____. *The Renaissance of Manhood*. In: *Collected Essays Volume 5 – Philosophy Autobiography & Miscellany*. Hippocampus Press: New York, 2006.
- _____. *Revolutionary Mythology*. In: *Collected Essays Volume 2 – Literary Criticism*. Hippocampus Press: New York, 2004.
- _____. *Clark Ashton Smith/October 28, 1934*. In: *H.P. Lovecraft Selected Letters V (1934 – 1937)*. Arkham House Publishers, inc: Sauk City, Wisconsin, 1976.

³⁶ Outro trabalho póstumo de Lovecraft, a novela só foi publicada após sua morte em 1941.

_____. *A Sombra vinda do Tempo*. Editora Hedra: São Paulo, 2011. Traduzido por Guilherme da Silva Braga.

_____. *Some Repetitions on the Times*. In: *Collected Essays Volume 5—Philosophy Autobiography & Miscellany*. Hippocampus Press: New York, 2006.

Recebido em: 18/10/2012

Aceito em: 16/01/2013

Publicado em: 27/03/2013

UTOPIA IN THE WRITTINGS OF H.P. LOVECRAFT: A POLITICAL INTERPRETATION OF THE NOVEL *AT THE MOUNTAINS OF MADNESS*

ABSTRACT: *The aim of this article is to analyze the horror novel At the Mountains of Madness (1936), by H.P. Lovecraft, through a sociopolitical perspective. For this purpose we performed a comparative reading between the novel and H.P. Lovecraft's political essays about the Great Depression – more specifically the essays "Some Repetitions on the Times" (1933), "A Layman Looks at the Government" (1933) and "The Journal and the New Deal" (1934). We argue that there is clear evidence that the socioeconomic changes cause by the Great Depression had its influence in the writings of H.P. Lovecraft, leading him to pay attention to issues never before discussed both in his essays and in his fiction.*

KEYWORDS: *horror; Lovecraft; utopia.*